

Como funciona e é gerida a Rádio fundada por Paulo Freire¹

Gustavo Cabrera Christiansen²
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Giovana Mesquita³
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Resumo

O objetivo do artigo, fragmento de uma pesquisa mais ampla, é compreender o funcionamento e a gestão da Rádio Paulo Freire (RPF), emissora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), buscando entender se a rádio é gerida dentro das diretrizes da radiodifusão pública. A RPF foi criada em 1962 com o nome de Rádio Universidade e integrava o Serviço de Extensão Cultural (SEC) da então Universidade do Recife (UR), que contava com Paulo Freire na direção. A Rádio Universidade AM 820 foi uma das rádios universitárias pioneiras. Como métodos, o artigo utiliza-se de revisão bibliográfica; da análise de documentos constitutivos da emissora; além da observação participante e de entrevistas com a equipe. Destacamos como resultado que a equipe da RPF tem autonomia na gestão e organização da equipe.

Palavra-chave: rádio paulo freire; equipe; gestão; autonomia.

Introdução

O artigo se propõe a analisar o funcionamento e gestão da Rádio-escola Paulo Freire, emissora vinculada à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e oferecer algumas reflexões sobre esta emissora universitária, que após muitos anos funcionando em forma intermitente, retomou - no ano de 2018 com sua renomeação como Paulo Freire - a produção contínua de conteúdos sonoros.

A história da emissora da Universidade Federal de Pernambuco está vinculada ao intelectual, escritor e pedagogo que dá nome à rádio, Paulo Freire, quando no início da década de 1960, foi criado o Serviço de Extensão Cultural (SEC) e, como parte do SEC, em setembro de 1963, foram realizadas as primeiras emissões da Rádio Universidade AM 820. Naquela época, o slogan era: “Rádio Universidade do Recife, a

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. E-mail: g.cabrera.christiansen@gmail.com

³ Doutora em Comunicação, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. E-mail: giovanamesquita@yahoo.com.br

serviço da democratização da cultura”, outorgando assim destaque à cultura e, em particular, à cultura popular.

Paulo Freire nomeou o poeta e tradutor José Laurênio de Melo, que tinha trabalhado na BBC de Londres para o cargo de diretor da Rádio Universidade do Recife. Além de uma seleção musical que divulgava música popular brasileira e erudita, também teve uma série de programas que debatiam a realidade brasileira e do mundo; igualmente, participaram da grade de programação outros segmentos da própria universidade como o Diretório Central dos Estudantes.

No entanto, esta experiência pioneira foi interrompida pela ditadura militar que usurpou o governo no ano de 1964, e interferiu na programação da rádio.

Rádios Universitárias

A definição de rádio universitária está ausente na legislação brasileira (Kischinhevsky; Mustafá; Machado; Rancan, 2022) embora exista um amplo leque de experiências de radiodifusão sonora vinculadas às Instituições de Ensino Superior (IES). Como afirma o professor e pesquisador Marcelo Kischinhevsky (2019, p. 14):

As rádios universitárias são tão diversas entre si quanto as diferentes realidades socioculturais do país. Estão vinculadas a universidades públicas (federais, estaduais, municipais), privadas, confessionais e comunitárias. São geridas por núcleos independentes, por estruturas de assessoria de comunicação vinculadas às reitorias ou por unidades acadêmicas. [...] são todas integrantes do campo de radiodifusão pública e educativa, pois têm um papel muito além da comunicação institucional, dando voz a outros atores sociais sem espaço da mídia comercial e apoiando a formação profissional de estudantes.

Considerando a diversidade de experiências, acompanhamos a conceituação proposta por Sandra de Deus (2003), que identifica duas características centrais nas emissoras universitárias: seu caráter social, por serem rádios públicas vinculadas a IES pública; e por outro lado, seu funcionamento laboratorial para a formação dos/as estudantes universitários.

Enquanto financiadas por instituições públicas e respeitando sua função educativa, as rádios universitárias também são um espaço privilegiado para divulgar tanto o conhecimento científico produzido dentro da Academia como propor pautas e temas com relevância social, que não têm espaço - por não ter apelo comercial - dentro da mídia tradicional. Em palavras de Sandra de Deus (2003, p. 312 – 313):

O poder de transformação do rádio de caráter público está na ruptura com o modelo comercial, traduzido na sua liberdade de desenhar suas propostas de caráter educativo e cultural, sem depender das leis de oferta e demanda, e de trazer conteúdos e gêneros não cobertos pelo sistema comercial.

O distanciamento das pautas necessariamente comerciais e a autonomia de ter garantido o funcionamento (em certa forma) possibilita que as rádios universitárias funcionem como espaços de experimentação e aprendizado para os futuros profissionais. Assim mesmo, este tipo de emissoras podem estabelecer outros tipos de vínculo com seus ouvintes. “Fazer rádio através de uma emissora pública em AM ou FM significa envolver a sociedade ativamente, buscando entender suas necessidades e transformando o rádio em um meio de discussão e difusão” (Deus, 2003, p. 313).

As emissoras universitárias são consideradas, segundo Kischinhevsky *et al* (2022, p. 2) “como espaço fundamental para a democratização do acesso à informação e ao conhecimento, bem como para a comunicação pública e educativa”. Estes autores reforçam a função social (Deus, 2003) deste tipo de emissoras, como espaços que desempenham um papel relevante na formação cidadã.

São as rádios universitárias que podem cumprir a sua função social de informar e contribuir com a formação cidadã e têm a oportunidade de produzir e divulgar informações que compreendam a diversidade da sociedade e se apropriem das múltiplas fontes existentes nas universidades e também nas diferentes comunidades (Kischinhevsky *et al*, 2022, p. 11 - 12).

Considerações sobre o funcionamento das emissoras universitárias

Em capítulo denominado “Mapeamento das condições de funcionamento de rádios vinculadas a instituições públicas de ensino superior”, Temer *et al* (2019) realizaram um levantamento das condições de funcionamento das emissoras universitárias, a partir de oito dimensões de análise:

a) identificação da instituição e suas emissoras; b) modo de gestão e financiamento das emissoras; c) estrutura física e tecnológica; d) estrutura de pessoal; e) conteúdo da programação; f) recursos multimídia; g) instalações e acessibilidade; e h) missão como radiodifusão pública (Temer *et al*, 2019, p. 23).⁴

Em relação ao modo de gestão, segundo Temer *et al* (2019), na maioria das emissoras não há um processo de escolha dos gestores, e sim uma indicação pelas

⁴ É necessário sinalizar que a pesquisa de Temer *et al* (2019) se baseia em informações obtidas pelo Ministério de Educação e Cultura em 2014, analisadas em 2018. Por esse motivo, alguns dados estão desatualizados.

Reitorias (Temer *et al*, 2019) ou pela direção das unidades a que estão vinculadas (Kischinhevsky; Mustafá; Vale, 2019). Há alguns casos excepcionais nos quais as emissoras se inserem em núcleos com posição de destaque nos organogramas das IES, como acontece com “as Rádios Universitária AM e FM, da Universidade Federal de Pernambuco, que integram o Núcleo de Televisão e Rádios Universitárias da UFPE” (Kischinhevsky; Mustafá; Vale, 2019, p. 65).

Em muitas emissoras, os mandatos dos gestores coincidem com os dos reitores, o que indica que a direção das rádios universitárias é considerada um cargo de estrita confiança do reitor (Kischinhevsky; Mustafá; Vale, 2019). Em 68% das emissoras AM e FM analisadas por Temer *et al* (2019), a gestão funciona em forma colegiada, com tomada de decisões discutidas com o grupo de técnicos e servidores.

Respeito à equipe, a maioria das emissoras universitárias apresenta um quadro de profissionais insuficiente para dar conta de um mínimo de produção própria de conteúdo. Temer *et al* (2019) sinalizam que muitas dependem de alunos bolsistas para produção dos programas. São poucas as que têm servidores estáveis para desempenhar as funções características de uma rádio (Kischinhevsky; Mustafá; Vale, 2019).

Temer *et al* (2019) ressaltam que enquanto as emissoras FM possuem, em média, oito funcionários efetivos, de seis a oito prestadores de serviço, cerca de 10 estagiários e de dois a três professores atuando na supervisão desses alunos, as rádios AM, por serem mais antigas, em mais da metade delas há, em média, 12 profissionais pertencentes ao quadro permanente de funcionários. Do mesmo modo, metade dessas emissoras chega a ter 15 estagiários. Esses dados contrastam com os apontados por Kischinhevsky, Mustafá, Vale (2019): grande número de rádios têm apenas um ou dois funcionários, que desempenham funções técnicas ou de organização da programação musical.

A RPF e a chegada de outros veículos de comunicação da UFPE

Após o golpe da ditadura, a Rádio da Universidade do Recife foi perdendo relevância com a aparição de outros veículos de comunicação ligados à UFPE: a TV Universitária fundada em 1968 e a rádio Universitária FM em 1979. Com a criação da TV, a equipe da rádio AM passou a funcionar na sede da TVU - localizada na sede norte da cidade do Recife -, embora os equipamentos transmissores estivessem ainda

localizados na Cidade Universitária (zona oeste da mesma cidade). Entre 1984 e 1999, a estação universitária ficou sem transmissão por problemas com a antena. Uma vez solucionada esta questão, manteve emissões regulares até 2011, quando novamente ficou fora do ar, desta vez, por problemas no transmissor.

Em 2016, a AM com um novo transmissor já instalado e espelhando a programação da Universitária FM, voltou a transmitir. No ano de 2017, foi criado um grupo de trabalho dentro da Universidade que teve como objetivo retomar a programação própria da rádio AM, sendo nomeada - em 2018 - como Rádio Paulo Freire em homenagem a seu fundador. Além da renomeação, outra decisão importante foi outorgar à emissora o caráter de rádio-escola. O GT foi integrado por professores/as do Departamento de Comunicação Social (DCOM), servidores do Núcleo de TV e Rádios Universitárias (NTVRU) e da Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PROEXTC).

Atualmente, a RPF integra o Núcleo de Televisão e Rádios Universitárias da UFPE e é gerida pelo Departamento de Comunicação Social. A equipe gestora que assumiu a emissora em 2018 era composta e coordenada pelas professoras do Departamento de Comunicação Social da UFPE, Paula Reis, Yvana Fechine, Ana Veloso, e pela técnica, Catarina Apolônio. Essa equipe teve o desafio de recolocar a emissora no caminho das quatro dimensões caras a qualquer Universidade: ensino, pesquisa, extensão e gestão. Em 2020, pouco tempo após ter assumido esses compromissos, a cotidianidade da Rádio Paulo Freire - assim como da Universidade e da sociedade em geral - foi impactada pela pandemia da Covid-19, precisando adotar novas estratégias para continuar em funcionamento.

A Gestão colegiada da RPF

A composição da gestão da emissora é determinado pelo Regimento interno do NTVRU⁵ (2020) que estabelece que é exercida por uma equipe integrada por: Coordenador Geral e Pedagógico, Coordenador de Programação, Coordenador Operacional e Assessor da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC). Enquanto no Regimento são definidas três coordenações acompanhadas de uma assessoria da Pró-reitoria de Extensão⁶, na prática, funciona de forma diferente: além das

⁵ Seguindo o que a Resolução 02/2018 do Conselho de Administração da UFPE já estipulou para a RPF.

⁶ Quando foi criada a RPF, a Proext tinha uma participação ativa, por isso definiu-se que teria participação na gestão. Atualmente, não há essa participação por parte da pró-reitoria, como destaca Fechine (2024, informação verbal) na entrevista concedida para esta pesquisa.

coordenações Geral e Pedagógica, Operacional e de Programação, participam da gestão a coordenadora do Laboratório de Imagem e Som (LIS) e a coordenação das redes sociais da emissora. Salvo a coordenação operacional que é ocupada por um servidor técnico, as demais ficam sob responsabilidade de professoras/es oriundos do Departamento de Comunicação Social (DCOM) da UFPE.

É dentro do DCOM que é realizada a eleição dos/as professoras/es que ocupam os cargos de coordenação da RPF. Sobre esta eleição, tanto a Resolução 02/2018 do CONSAD como o Regimento interno do NTVRU (2020), no seu artigo 7º estabelecem:

Os integrantes da Equipe Gestora terão um mandato de 02 (dois) anos, podendo ser reconduzidos.

§ 1º Os coordenadores serão escolhidos mediante processo eleitoral regulamentado pelo Pleno do Departamento de Comunicação Social, que disciplinará no mínimo o prazo e as condições de inscrições de interessados, a forma de votação e de apuração do resultado (UFPE, 2018, p. 2-3).

Como observado por Temer *et al* (2019), também na Paulo Freire as decisões são tomadas de forma colegiada, como destaca a coordenadora geral da emissora:

É colegiado, porque a gestão somos: a coordenação geral e pedagógica, eu; a coordenação de programação, Ana Veloso; a coordenação operacional, Igor; a coordenação de redes, André Vouga e a coordenação que a gente chama Assessoria Técnica, Yvana, por que? Porque a rádio tecnicamente está ligada ao LIS, Laboratório de Imagem e Som do Departamento de Comunicação (Reis, 2024, informação verbal).

Em relação à equipe técnica, a RPF conta com três servidores: a técnica Catarina Apolonio, que desde começo de 2023 até início de 2025, esteve de licença para realizar estudos de pós-graduação em outro país. Até a licença, ela era a responsável pela coordenação operacional, cargo que foi ocupado pelo servidor Igor Cabral. Em abril de 2024, foi indicado mais um funcionário, no caso, Rafael de Queiroz. A quantidade de servidores corresponde ao que Kischinhevsky, Mustafá e Vale (2019) sinalizam para este tipo de emissora (entre um ou dois).

O restante da equipe é composta por estudantes, através de Bolsas de Incentivo Acadêmico (BIA), bolsas de extensão e de estágios. Também há duas estudantes que colaboram de forma voluntária. No total, contabilizamos 12 estudantes participando da equipe da RPF⁷.

⁷ Para novembro de 2024, foram selecionados/as cinco novos/as bolsistas, que entraram para ocupar vagas que estavam livres.

Divisão de tarefas e responsabilidades

Os/as estudantes ficam responsáveis pela produção dos programas: eles/as realizam a produção e apresentação de “Saúde é o tema” e de “O que tem para hoje”. Coincide com o que Temer *et al* (2019) vislumbra para as rádios universitárias: os/as bolsistas produzem e apresentam grande parte dos programas da emissora. As professoras, por sua vez, são responsáveis pelo programa “Fora da curva”, enquanto “Afrossonora” é produzido e apresentado pelo técnico Rafael de Queiroz.

A equipe da emissora utiliza o aplicativo de *Whatsapp* para a organização de parte do trabalho da emissora. Dentro deste aplicativo, o grupo “RPF - Equipe de Produção” serve para compartilhar pautas, fontes, informar novidades e até propor encontros e reuniões. Presencialmente, às quintas-feiras, ao meio-dia, acontecia a reunião de pauta. Durante esses encontros, bolsistas, técnicos e professoras debatiam os temas dos programas realizados pelos estudantes. Como apontado durante a nossa observação, os/as estudantes comentavam os temas que estão pensando trabalhar e suas respectivas abordagens e fontes, e as professoras - junto com os técnicos - davam retorno, faziam sugestões, indicavam pautas e fontes. Nas duas reuniões de pautas observadas, a presença das professoras da coordenação da rádio foi fundamental para o avanço da discussão e a escolha dos temas e abordagens dos programas por parte dos/as estudantes.

Uma particularidade da RPF é que os/as estudantes bolsistas aprendem, durante a sua trajetória formativa dentro da emissora, a produzir os programas, escrever roteiros, editar e até realizar a operação técnica (mesa de controle e de *streaming*). Como informou o estudante de Rádio, TV e Internet, em entrevista para esta pesquisa, que foi bolsista: “[...] nesses três anos eu fiquei na parte de roteirização, edição, locução e apresentação de programas, mas isso logicamente que foi um aprendizado” (estudante 1, 2024, informação verbal).

O estudante do curso de Jornalismo, entrevistado para esta pesquisa, também comenta a divisão das responsabilidades na RPF e como essa organização está vinculada aos turnos disponíveis segundo o curso de graduação que o/a estudante está realizando. Nesse sentido, como o curso de Jornalismo oferece disciplinas à tarde, o

estudante cumpre sua carga horária na emissora no turno da manhã. De forma inversa, estudantes de RTVI, pela manhã cursam as disciplinas e à tarde estagiam na RPF.

Além da produção dos programas, “os decanos da rádio” - estudantes mais antigos - ajudam aos novos bolsistas a se inserirem nas rotinas da emissora. Nas palavras do estudante 1:

Todo estagiário ou todo bolsista que chegava recebia um suporte muito bom, não só dos estagiários, mas também das professoras e dos técnicos. Eu acho que isso é um diferencial enorme porque em outros estágios você chega e você é jogado na equipe, né? [...] Lá na Paulo Freire não, realmente tinha esse cuidado de pegar esse bolsista novo e dizer ‘as coisas funcionam dessa maneira, nós estamos abertos a ensinar você e você pode ter uma trajetória muito boa aqui na rádio’ (estudante 1, 2024, informação verbal).

Durante a observação participante, foi possível conferir como a produção dos programas da casa, especificamente “O que tem para hoje” e “Saúde é o tema” demandaram grande parte do tempo dos/as estudantes. Além da produção, os/as estudantes ficaram responsáveis pela operação técnica do *streaming* do *YouTube* e, em algumas ocasiões, da operação da mesa de som. Ficou nítido como os estudantes colaboravam entre eles: na escrita dos roteiros, na definição e escolha das pautas e até na edição dos programas.

Por sua vez, a supervisão dos roteiros é dividida entre os técnicos e as professoras. O coordenador operacional, Igor Cabral, em entrevista para esta pesquisa, informa que “a revisão dos roteiros, discussão das pautas, a parte de planejamento fica por conta [...] de uma certa coordenação ampliada”, composta pelas três professoras e pelos dois técnicos que estavam, à época da pesquisa, trabalhando na rádio. O prof. Vouga contribui com o planejamento e supervisão da gestão das redes sociais, junto com duas bolsistas que executam as atividades relacionadas às redes sociais da emissora.

Em relação às tarefas que as professoras desempenham dentro da emissora, existe uma divisão em relação ao acompanhamento dos programas e conteúdos produzidos pela equipe. As professoras Paula Reis e Ana Veloso acompanham (em formato de rodízio, por períodos de tempo mais extensos) o “Saúde é o tema”. Elas também assumem as representações institucionais (participações nos espaços de conselho do NTVRU e em eventos, palestras, etc.). Igualmente, sob a responsabilidade delas ficam as contratações de novos bolsistas. Por sua vez, a prof^a Yvana Fachine acompanha e revisa toda a produção de spots do “Manda no zap”. Fachine é responsável

pela articulação com outros setores internos e externos à Universidade e da coordenação dos projetos especiais vinculados com a emissora (como o projeto sobre os 60 anos da rádio). Esta organização e divisão de tarefas das professoras que gerencia a emissora não está explicitada nos documentos da rádio.

Em relação ao trabalho da coordenação, há um ponto que é recorrente nas entrevistas com parte da equipe: a questão da liberação de carga horária para os/as docentes que ocupam essas funções. Embora esteja explicitado na Resolução 02/2018 do CONSAD⁸, que estabelece que os cargos de coordenação (Geral e Pedagógica, e de Programação) tem liberação de carga horária, na realidade isso não acontece. De acordo com Paula Reis (2024, informação verbal) “temos o direito de ter liberação de carga horária, porém não temos de fato”.

Considerações finais

A renomeação como Rádio Paulo Freire (2018) procurou, por um lado, driblar um problema institucional, como a falta de recursos e pessoal, outorgando o caráter de rádio-escola, compondo sua equipe principalmente por estudantes universitários da UFPE. Por outro, colocou à emissora dentro do NTVRU, mas com autonomia na gestão (ao ser vinculada e gerida por professores/as do DCOM). Este ponto é central para considerar a RPF como veículo de radiodifusão pública.

Em relação à gestão, é colocada a demanda que mais professores/as se disponibilizem para assumir essa função. Neste ponto, lembramos que a questão da liberação de carga horária para os/as coordenadores da emissora e o reconhecimento das atividades nessa função através do pagamento da Função Gratificada se fazem indispensáveis para possibilitar a participação de novos gestores na RPF.

Por sua vez, destacamos que o papel dos técnicos é fundamental no desenvolvimento profissional dos/as estudantes. Com perfil técnico e com sensibilidade para a formação, acompanham o crescimento profissional dos/as alunos/as que vivenciam um percurso na emissora. Ressaltamos a impossibilidade de contratar novos técnicos segundo os decretos nº 9.262/2018 e nº 10.185/2019 “que impedem a

⁸ Dita Resolução no seu Capítulo V “Sobre a gestão” indica: “As funções exercidas pelos coordenadores serão contabilizados na composição de sua carga horária de trabalho, equivalente à função de coordenação de graduação, conforme a Resolução No 01/88” (UFPE, 2018, p. 2).

realização de concursos ou contratação para uma série de cargos da área de produção audiovisual e comunicação” (Braga; Maia, 2024).

Referências

BRAGA, Aline; MAIA, Iano. Comunicação pública é forte pilar para os desafios democráticos do presente. **Le Monde Diplomatique Brasil**. 26 jun. 2024. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/comunicacao-publica-desafios-democraticos/> Acesso em: 07 ago. 2024.

DEUS, Sandra de. Rádios Universitárias Públicas: compromisso com a sociedade e com a informação. In: **Em questão**, Porto Alegre, v. 9, nº 2, p. 327-338. jul/dez 2003.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Construir conhecimento para democratizar a Comunicação. In: ALBUQUERQUE, Eliana; MEIRELES, Norma (orgs.) **Rádios Universitárias: experiências e perspectivas**. Editora do CCTA: João Pessoa, 2019. p.11-15.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; MUSTAFÁ, Izani; MACHADO, Lara; RANCAN, Ludmila. Rádios universitárias no Brasil: expansão em risco. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 45º, 2022. **Anais [...]** João Pessoa: Intercom, 2022. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0802202218023162e990e767645.pdf> Acesso em: 20 jul. 2024.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; MUSTAFÁ, Izani; VALE, Scarlat S. G. do. Rádios universitárias no Brasil - Diversidade de estruturas e desafios à gestão. In: ALBUQUERQUE, Eliana; MEIRELES, Norma (orgs.) **Rádios Universitárias: experiências e perspectivas**. Editora do CCTA: João Pessoa, 2019. p.61-77.

NTVRU. **Regimento interno do Núcleo de TV e Rádios Universitárias da UFPE**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2020. Disponível em: <https://www.ufpe.br/documents/39062/2874080/REGIMENTO+INTERNO+NTVRU+2020+%281%29.pdf/30289798-13b6-4ac7-9611-49d7cd803754> Acesso em: 20 ago. 2024.

UFPE. **Resolução nº 02/2018, aprovada em 16 de novembro de 2018**. Disciplina o funcionamento e a gestão da Rádio Universitária 820 AM da UFPE. Recife: Conselho de Administração da UFPE, 23 nov. 2018. Disponível em: <https://ead.ufpe.br/documents/398575/1383356/Res+2018+02+CONSAD.pdf/8e149c5a-4406-4476-a507-6f4385dac994> Acesso em: 20 ago. 2024.

TEMER, Ana C.; ESCH, Carlos E.; REBOUÇAS, Edgard; MALCHER, Maria A.; PRATA, Nair; DEL BIANCO, Nelia R.; LOPES, Suzana C.; ZUCULOTO, Valci. Mapeamento das condições de funcionamento de rádios vinculadas a instituições públicas de ensino superior. In: ALBUQUERQUE, Eliana; MEIRELES, Norma (orgs.) **Rádios Universitárias: experiências e perspectivas**. Editora do CCTA: João Pessoa, 2019. p.17-40.